

4.

JULHO · 2018

*Ponte de Lima:
do passado ao presente,
rumo ao futuro!*



ANTÓNIO FEIJÓ UMA VISÃO POÉTICA DA MULHER

ANTÓNIO FEIJÓ A POETIC VISION OF THE WOMAN

António Feijó (1859-1917), alta figura limiana pelo seu dom cultural, poético e social, é considerado como um ilustre poeta. Inscrito num momento histórico marcado pela coexistência de diferentes correntes literárias que apaixonaram a «Geração de 70», distingue-se pelo seu amor à poesia, desde aluno do ensino secundário. A sua profunda sensibilidade e apurado sentido crítico inundam a sua poesia e o seu espólio epistolar. Poetizou a figura feminina, a beleza, o amor e a morte. O seu espírito cosmopolita afastou-o das leis que estudou no Curso de Direito decidindo-se pela carreira diplomática. Partiu para o Brasil (1886) e depois para a Suécia (1891). Do exílio, este poeta diplomata enviava estrofes bem buriladas, que transmitiam ecos de ternura e de saudade da família, dos amigos e da sua terra natal. António Feijó, poeta do AMOR repousa no cemitério de Ponte de Lima ao lado da sua mulher Dona Mercedes Joana.

António Feijó (1859-1917), an outstanding figure of Ponte de Lima for his cultural, poetic and social gifts, is considered as a distinguished poet. Inserted in a historic moment marked by the coexistence of different literary movements that excited the 'generation of 70', he is known for his love of poetry, from his years as a secondary school student. His profound sensibility and acute critical sense nourishes his poetry and his writing works. He poetized the feminine figure, beauty, love and death. His cosmopolitan spirit pushed him away from the law studies and decided him to embrace the diplomatic career. He left to Brazil (1886) and then for Sweden (1891). From exile, this poet diplomat sent verses well structured, which transmitted echoes of the tenderness and nostalgia for his family, friends and his homeland. António Feijó, the poet of LOVE, lies in the cemetery of Ponte de Lima with his wife Dona Mercedes Joana.

MULHER, AMOR,
BELEZA, MORTE

WOMAN, LOVE,
BEAUTY, DEATH

FÁTIMA MELO

ODoutor António Feijó (1859-1917), alta figura limiana pelo seu dom cultural, conhecedor das matizes literárias de correntes estéticas e ideológicas chegadas especialmente de França, pelo seu espírito cosmopolita e pelo seu aprumo social, enobrece ainda mais a fidalga Vila de Ponte de Lima.

Poeta de uma profunda sensibilidade e possuidor de uma alma vibrante de emoções, nunca se desligou do vínculo afectivo que o unia à sua família, à sua terra natal, aos seus amigos e à sua Pátria. O seu «Universo poético» e o seu riquíssimo espólio epistolar entre o irmão mais velho, distinto advogado em Viana do Castelo, e entre os seus amigos, sobretudo entre o Conselheiro Luís de Magalhães, são exemplos vibrantes e comoventes dos laços saudosistas e afectuosos deste poeta limiano. Citemos alguns versos dedicados a sua mãe, Dona Joana do Nascimento Malheiro Pereira de Lima Sampaio, falecida em 1880.

Levanta-te, coveiro

*Antes que a aurora inunde as bandas do
Levante,*

*Eu quero ajoelhar num túmulo querido,
murmurar uma prece...*

*que faça estremecer o coração dos
astros!*

No poema «Aos meus condiscípulos», dedicado aos seus amigos, quando termina o curso de Direi-

“

*O seu
«universo
poético»
e o seu
riquíssimo
espólio
epistolar
entre o seu
irmão mais
velho e
entre os seus
amigos são
exemplos
vibrantes e
comoventes
dos laços
saudosistas
e afectuosos
deste poeta
limiano.*

”

to (1883) e deixa Coimbra, António Feijó persiste na dor de já não ter mãe:

Meus amigos, ouvi este sentido adeus!

*Eu que não tenho mãe, saúdo as vossas
mães.*

Não querendo seguir as Leis e desejando correr Mundo, António Feijó pensou ser Cônsul. Em 1886, parte para o Brasil como diplomata e são comoventes as afirmações de carinho e saudade transmitidas aos seus amigos.

Numa carta enviada a João Gomes de Abreu de Lima, senhor da Casa do Outeiro - Arcozelo, Ponte de Lima – e do Paço Vedro de Magalhães em Ponte da Barca, afirma-lhe:

«São para mim de uma volúpia quase sagrada os momentos que posso conversar com os meus amigos queridos por intermédio de meia folha de papel já que o oceano que marulha ali em frente da janela é largo demais para lhes estender os braços.»

Permanecendo no Brasil desde 1886 a 1890, como Cônsul de Portugal, em 1891, parte para a Suécia. É nesse país da Escandinávia que desempenha as funções diplomáticas até à sua morte. Este poeta é bem o símbolo da alma portuguesa. A nostalgia e a saudade da Pátria continuam a atormentá-lo nesse país longínquo vizinho da «Ursa Maior».

«Como o Outono polar é nostálgico!», exclamava ele.

Como Ulisses, que consumia a doce vida a suspirar pelo regresso..., António Feijó também dissemina a sua dor, cantando-a no poema «O exilado»:

*Aquele que vive expatriado,
Embora esteja no verdor da idade,
Traz negros os vestidos, e enlutado
O coração nas trevas da saudade...*

Quando regressa à Pátria em períodos de férias, o seu espírito deslumbra-se ao contemplar a beleza da paisagem da sua Vila querida e afirma:

«Fui para cima da ponte dilatar o espírito naquela paisagem incomparável – montes, rio, luar, ermidas brancas, areias de ouro...»

O céu azul e o mágico Lima provocam-lhe saudades sempre vivas que ele compara a certas flores que nunca murcham e que ele denomina de «perpétuas».

Um dia um raio de sol brilhou na sombra do seu exílio ao conhecer, em 1897, Maria Luísa Carmen Mercedes Joana Lewin, uma bonita jovem sueca, filha de pai sueco e mãe equatoriana. Apesar das suas teorias solteiráticas, como Feijó afirmava muitas vezes, o seu coração inclinou-se, finalmente, para uma união matrimonial, tendo casado com essa jovem sueca.

«Felizes aqueles a quem o Sol ilumina», diz Victor Hugo. O casal Feijó vivia sonhos luminosos cheios de fé e ilusão, enlevados com os dois filhos, António Nicolau e Joana Mercedes.

“
(...) *como
Cônsul de
Portugal,
em 1891
parte para
a Suécia. É
nesse país que
desempenha
as funções
diplomáticas
até à sua
morte.
(...) Apesar
das suas
teorias
solteiráticas
o seu coração
inclinou-
se para
uma união
matrimonial,
tendo casado
com uma
jovem sueca
em 1900.*
”

Mas a felicidade tanto brilha como se apaga e o frio da Escandinávia começa a transmitir-lhes uma infelicidade quase permanente. Dona Mercedes Lewin adoece e começa a viver entre a ilusão dos sonhos amorosos e o braseiro de uma doença que dia a dia lhe consome a vida, acabando por falecer a 21 de Setembro de 1915.

«Feliz do poeta insensível! A sua inspiração não é atormentada pela dor», diz Lamartine. António Feijó não é um poeta tocado pela insensibilidade. Para ele Estocolmo ficou transformado num deserto após a morte da esposa.

«Vivo numa angústia perpétua», escreve ele a Luís de Magalhães, angústia que o vitimou a 20 de Junho de 1917, 21 meses após o desaparecimento de dona Mercedes. Feijó viu na esposa amada, como Marcial [poeta hispano-romano, 38-40 d. C.] na encantadora Marcela, _ Roma inteira! «Tu, tu só, para mim, vales mais do que Roma!», escreve ele, na dedicatória, à sua mulher na abertura da obra *Sol de Inverno*, conjunto de poesias que o poeta compôs ainda em tempo de vida de dona Mercedes.

Feijó dá-nos uma visão diversificada da figura feminina. **Uma visão poética da mulher** constitui uma das linhas de força da sua produção artística.

A Mulher na sua Obra é uma permanente referência mítica e real com um entrelaçar de temas recorrentes como: o Amor, a Beleza e a Morte. Numa elevada

apoteose, Feijó idealiza a mulher atribuindo-lhe uma carga mística e simultaneamente sensual, como podemos ler nestes versos:

*Ébrio duma fragrância ideal que me
sufoca
Penso que andam no ar beijos da tua
boca.*

*Só para te cantar que fale a Apoteose!!...
Pois lembras a um tempo aquela antiga
Vénus
E o busto celestial da Virgem da Judeia.*

Para os poetas, a figura feminina é uma fonte fecunda de maravilhas, como Feijó exalta nas suas poesias. Mas o drama da condição da Mulher faz-se ainda sentir no século XIX, época do poeta, como consequência de um produto cultural.

A mulher reflecte sempre a época e a ideologia sob a influência das quais ela emergiu. Os poetas e romancistas falam, muitas vezes, dum instinto e duma capacidade feminina até à divinização e interrogam-se:

Quem é a mulher? Uma deusa? Um demónio? Uma esfinge indefinível? Um símbolo que propulsa o Eterno feminino para as alturas, como Goethe afirma no Segundo Fausto?^[1]

O mistério feminino ainda não parou de ser discutido e sonhado. Se para Gérard de Nerval^[2], **uma mulher é o amor, a glória e a esperança**, para António Feijó, por vezes, ela é também o reflexo dum princípio espiritual e divino, como ele afirma:



*Num
alargado
campo
místico e
profano,
este poeta
estrutura
alguns
dos seus
poemas num
constante viés
circunscrito
à figura
feminina,
que ora se
conduz como
uma mulher
angélica, ora
como uma
mulher fatal
capaz de
transformar o
homem num
adorador de
volúpia*



*Ergui no coração o altar para adorar-te;
Quero voar, fugir, perder-me no infinito!
Inflama-se de Amor todo o meu ser
contrito,
Visão que eu sinto em mim e vejo em
toda a parte!
Não sei se és deusa ou santa! Eu sei que
te venero^[3].*

Num alargado campo místico e profano, este poeta estrutura alguns dos seus poemas num constante viés circunscrito à figura feminina, que ora se conduz como uma **mulher angélica**, ora como uma **mulher fatal** capaz de transformar o homem num adorador de volúpia, como afirma no soneto «Lais»^[4]:

*No soberbo coxim de flácidos adornos,
Mostrava, adormecida em sonhos
inefáveis,
A brancura marmórea, as curvas
impecáveis
Na linha escultural dos nítidos
contornos.*

*Julgava-se embalada entre formosas
driades,
Num leito de jasmims, como visão
fantástica,
Expondo o seio nu duma firmeza elástica,
Em lânguido abandono aos lábios de
Alcibíades^[5]...*

Ao poetizar esta figura feminina rodeada de fausto e langor, Feijó sugere as Odaliscas bizantinas que dissimulam uma magia sensual. Nesse pêndulo de valorização das fantasias poéticas, por vezes, ele mobiliza de lupanares o seu universo poético.

[1] VER GOETHE, FAUSTO II, COLLECTION PETITS CLASSIQUES, LAROUSSE, PARIS GALLIMARD, 2004, P. 460.

[2] VER GÉRARD DE NERVAL, LES CHIMÈRES, PARIS GALLIMARD, 1993, P. 260.

[3] VER ANTÓNIO FEIJÓ, POESIAS COMPLETAS, P. 79.

[4] OP. CIT., P. 92.

[5] ALCIBÍADES, GENERAL ATENIENSE.

Como corolário da mulher virtuosa e fiel ao seu marido, Feijó recria, tão ao gosto dos parnasianos, um ambiente histórico da Antiguidade grega e romana, povoado de célebres cortesãs, conhecidas pelas suas atitudes de libertinagem. Cíntia, a concubina romana e Musa de Propércio é evocada nestes versos:

*Cíntia saiu dos bairros da Suburra,
Mas amou dum amor profundo
e ardente
Cujo eco melancólico sussurra
Nos versos de Propércio eternamente.*

Suburra, famoso bairro romano, antro de prostituição, era frequentado por famosas aristocratas, como a Imperatriz Messalina, mulher de Cláudio, Imperador romano. Feijó evocando estes cenários de concubinação das cortesãs, parece sugerir o hedonismo vivido por mulheres notáveis, num Paris noctívago do Segundo Império. Ele compara a bela dançarina Marguerite Badel^[6] à cortesã grega Aspásia, conselheira e companheira de Péricles (séc. V a. C.).

*Escurece e deslumbra a decadência em
Roma
As noites de Suburra e os vícios de
Sodoma,
A Aspácia do Mabilie, a Vénus
Rigolboche^[7].*

O desfile destas figuras femininas incorpora uma imagem da mulher polimorfa que a um tempo é cortesã, deusa ingénua, mãe, esposa, amante ou bacante celebrada pelo

poeta numa simbiose de místico e profano:

*Corpo celestial, imortal partitura
Para a Lira do Amor e a Flauta dos
Desejos.*

Os poetas, criadores de uma estética poética, por vezes, simbolizam a imagem da mulher na criatura humana mais acabada que espalha o amor e o medo. «O Amor e o Medo espalhas!», afirma Feijó no poema Lady D. Juan. Num sincretismo de feminidade, ele incarna na figura de Cleópatra o protótipo de Beleza da mulher fatal. Cleópatra é a figura feminina de Beleza mágica do Oriente fabuloso. No século XIX, o Orientalismo e Exotismo penetraram na Europa num clima de transcendência cheio de reflexos luxuosos e sensuais.

É este clima oriental que dá à rainha do Egipto a dimensão de um símbolo de Grandeza e de Beleza, como Feijó a canta:

*Ela que um sonho de poder domina
Diante do espelho, a reflectir perscruta
Do seu corpo a beleza profanada.*

Se Feijó incarna o ideal de Beleza em várias figuras femininas, ele inspira-se também na Beleza da mulher Bíblica. Ainda estudante liceal, celebra poeticamente Maria Madalena no soneto «Mistério».

“
*Se Feijó
incarna o
ideal de
Beleza em
várias figuras
femininas,
ele inspira-
se também
na Beleza
da mulher
Bíblica.
Ainda
estudante
liceal, celebra
poeticamente
Maria
Madalena
no soneto
«Mistério».*
”

[6] FEIJÓ REFERE-SE A UMA DAS DANÇARINAS DA CASA DE DANÇA CRIADA POR MABILLE EM PARIS.

[7] RIGOLBOCHE TEM O SENTIDO DE MUNDANO.

Maria, no momento da agonia de Cristo:

*Ao lado de Maria, a pobre Madalena
A rosa da Betânia, a imagem da
açucena
Ungia de Jesus os sacrossantos pés.*

Feijó interessa-se também pela figura de Judite^[8], a heroína do Antigo Testamento. O poeta sublinha o charme desta figura bíblica, de pés formosos, associados à elegância das suas belas sandálias. Estes objectos «fétiches» de Judite são importantes para ela atingir os seus fins: atrair e decapitar o General Holofernes:

*Foram os pés pequenos e as sandálias
De Judite
Pés formosos e tenros como azáleas
Abertas num jardim de Sulamite,
[...]
Que perderam as hostes de Holofernes
E deram cabo do guerreiro ilustre.*

Como observamos neste poemas, o mistério da Morte entrelaça-se num vaivém permanente com o amor e a beleza feminina.

«Um vento de morte espalhou-se no meu peito», afirma o poeta no poema «Selva escura».

Ele exprime o imaginário da sua sensibilidade poética, segundo duas pulsações antagónicas entre Eros (deus do amor) e Tânatos (deus da morte), como afirma em **Hino à Vida**:

*Cálice do sacrifício em que meus lábios
ponho!
Trazendo o Amor e a Morte a servir-te
de escolta!*

Nesta visão quimérica, poetiza um quadro fúnebre ligado à história do Amor e da Morte de Inês de Castro:

*Amigos, reparaí: vago, esfumado,
[...]
Ainda é belo o seu rosto macerado,
[...]
Ah!... Sim, é ela, a nossa mocidade
A nossa linda Inês,
[...]
Que evocamos...
Nesta saudosa terra do Mondego.*

Feijó ao evocar a beleza e a morte de Inês, evoca também a saudosa terra do Mondego. Coimbra, cidade onde ele estudou, continua enredada na sua memória ao afirmar: ...«Sim é ela a nossa mocidade».

No campo semântico da Beleza e da Morte, Feijó inclui também as tísicas e pálidas jovens, um verdadeiro espelho de melancolia romântica, que os poetas incarnam nos seus poemas e os romancistas nos seus romances. É especialmente na segunda metade do século XIX que muitas jovens estão minadas pela tuberculose e a sua Beleza é destruída pela enfermidade: **Ó beleza! Ó Beleza! As Horas fugitivas passam diante de ti, aladas como sonhos...** afirma o poeta no **Hino à Beleza**.

Portugal é um país combalido, escrevia Feijó ao seu amigo Vicente Pindela.

Não só as mulheres de baixa condição social e económica são afectadas por esta doença. A mulher aristocrática e a da alta burguesia são igualmente vítimas da tuber-

[8] VER O LIVRO DE JUDITE, IN O ANTIGO TESTAMENTO, LIVROS HISTÓRICOS.

culose, como Feijó nos descreve nestes versos:

Morreu a pouco e pouco e todo o mundo a via
[...]
Errar pelos salões como uma estátua fria,
O seu cabelo escuro...
Caía-lhe na frente...; o rosto
Mais pálido que a cera e que o marfim mais puro.
[...]
À morte ela fizera enorme sacrifício
Pedindo-lhe que viesse mais devagar.

Esta descrição evoca provavelmente uma cortesã moribunda, cuja fisionomia esquelética lembra Marguerite Gautier, a personagem que incorpora a *Dama das Camélias*, de Alexandre Dumas Filho.

O conhecido soneto «Pálida e Loira», onde a profunda sensibilidade de Feijó revela uma obsessão vinculada ao perfil da Morte, não foi inspirado pela morte prematura de sua mulher, como mencionam algumas *Selectas* e *Dicionários de Literatura*.

Possuidor de uma alma vibrante de emoção, Feijó elaborou este soneto, quando cursava em Coimbra. Comoveu-se com a morte de uma bonita jovem, branca, franzina e loira que começou a definhar, acabando por falecer tuberculosa:

Morreu. Deitada no caixão estreito,
Pálida e loira, muito loira e fria,
O seu lábio tristíssimo sorria
Como num sonho virginal desfeito.



**No campo
semântico
da Beleza e
da Morte,
Feijó inclui
também
as tísicas
e pálidas
jovens, um
verdadeiro
espelho de
melancolia
romântica,
que os poetas
incarnam
nos seus
poemas e os
romancistas
nos seus
romances.**



– Lírio que murcha ao despontar do dia –
Foi descansar no derradeiro leito,
As mãos de neve erguidas sobre o peito,
Pálida e loira, muito loira e fria...

Tinha a cor das rainhas das baladas
E das monjas antigas maceradas,
No pequenino esquife em que dormia...

Levou-a a Morte em sua garra adunca!
E eu nunca mais pude esquecê-la,
nunca!
Pálida e loira, muito loira e fria...

É interessante uma afirmação sobre o primeiro verso deste soneto, *– Morreu. Deitada no caixão estreito –* informação colhida num jornal de Pelotas, cidade do Estado do Rio Grande do Sul, onde Feijó exerceu a função de Cônsul de Portugal.

Em frente à casa da menina «Pálida e Loira», existia a loja de um barbeiro, mestre Inácio Barradas. Ora, o mestre Inácio, ao ouvir o tão badalado e romântico soneto, protestou veemente: «Isso é demais. Os poetas fantasiam sempre; mas essa é de marca maior. A mãe tem pouquinho, tem; mas a menina morreu na sua cama». Foi em vão esclarecer o barbeiro contestador. Então, Feijó, ao ter conhecimento da persistência do mestre Inácio, respondeu-lhe com o seu fino humorismo:

Inácio, quando morreres,
Irás direito ao enxurro
Que o Pio não come carne
De mula, cavalo, ou burro!...

António Feijó tem grande sentido de humor que se alimenta de fantasias, por vezes, plenas de aventuras, como o célebre episódio dos «Carecas de Faldejães».

Com o pseudónimo de Inácio de Abreu e Lima, é nas *Bailatas* (1907) e *Novas Bailatas* (1926) que o seu espírito humorístico se eleva de forma bem divertida, num estilo paródico, como afirma no prólogo das *Bailatas*:

*Troça, ironia, sob a aparência
Duma imprevista, quase demência,
Emaranhando nas fases
Paixões tremendas, paixões vorazes!...
[...]
Melancolias cristalizadas
Em ais gemidos entre risadas...*

É de salientar o seu humor na poesia jocosa, dirigida a uma certa Maria Adelaide Pereira, a quem dedica as *Bailatas*:

*Ó Maria Adelaide! Ó bela, a quem a
sorte
Precocemente envelheceu!
Esbelta e pálida consorte
Da mocidade que no ocaso se
escondeu...
Tu foste a mais formosa das Marias
Que neste mundo conheci;
[...]
Não haver elixir de juventude!*

O poeta é um semeador, diz Victor Hugo. António Feijó semeia, na sua poesia, poemas de gracejo e de amor **em consideração** à mulher que ele venera ao longo da sua obra.

Do exílio envia as suas estrofes

“
*António Feijó
tem grande
sentido de
humor que se
alimenta de
fantasias, por
vezes, plenas
de aventuras,
como o
célebre
episódio dos
«Carecas de
Faldejães».*
”

bem buriladas. Seguindo o princípio do ideal poético de Boileau em [*L'Art Poétique, chant I*], António Feijó repetia frequentemente: «O que não está bem feito, não está feito!».

A Arte é eterna e as «musas» continuam a cantar as poesias deste poeta do Amor que, acompanhado de sua Mulher, regressa das Neves da Escandinávia à sua cara Pátria (1927) para repousar na sua amada terra limiana.

O Amor os juntou e nem a Morte os separou_ epitáfio gravado nos dois túmulos unidos: o de António Feijó e o de Sua mulher dona Maria Carmen Mercedes Joana Lewin. Os dois esposos dormem o seu último sono de Amor, juntos para sempre, um ao lado do outro, no cemitério de Ponte de Lima, como Pedro e Inês no Mosteiro de Alcobaça.

FIGURA 2

FONTE: Arquivo Pessoal de António Feijó
(Arquivo Municipal de Ponte de Lima)